

RECEITAS DE UMA CIGANA

Argumento para dança do Carnaval por: ANTÓNIO MENDES

Saudação

Mestre

Em nossa imaginação
Vem esta saudação
Que a todos vós dirigimos
Uma vez que aqui chegamos
E convosco deparamos
Mais um prazer conseguimos

Todos

Ir de lugar em lugar
Cada povo visitar
É prazer que não se esquece
Lutar pelo bem comum
É ir dando a cada um
A alegria que merece

Mestre

De ano a ano o Carnaval
Ordena este ritual
Seguido nestes três dias
E a alegria então nascida
Logo passa a ser vivida
Em todas as freguesias

Todos

A nossa ilha modesta
Ao promover cada festa
É que mostra ser Terceira
Mais alegre e sorridente
Demonstrando a toda a gente
Que é a mais hospitaleira

Mestre

Tal poder tem o entrudo
Que faz rir o mais sisudo
Por quanto se diz e faz
Sem contudo alterar
A harmonia em cada lar
Onde a alegria é a paz

Todos

E na dança de terreiro
Onde paira um povo ordeiro

Sempre alegre e folgazão
Tão religiosamente
Vai cumprindo a nossa gente
Uma bela tradição

Nestre

Se na vida males espanta
Um povo que ri e canta
Decerto vive melhor
Quem põe de parte a tristeza
Mesmo vivendo a pobreza
Tem alegria maior

Todos

Ver na vida uma amargura
É lembrar triste ventura
Que a alegria vem roubar
A custo nos alegremos
Pelas vezes que cantamos
Com vontade de chorar

Alusão ao Tema

Canção duma cigana

Solista

A vida duma cigana
Se compara à dum mendigo
Esperando toda a semana
A oferta dum amigo

O pobre recebe esmola
Maior ou mais pequenina
E a cigana se consola
Por bem pouco ir lendo a sina

Coro

Cigana vem ler
Na mão deste povo
E a todos dizer
Se está para haver
Mais algo de novo
Vê se não te enganas
Naquilo que dizes
Que há certas ciganas
Que em frases profanas
São bem infelizes

Homem rico

Eu sempre tenho lutado
P'ra possuir o que tenho
Mas ando desconfiado

Que vou ser prejudicado
Por um indivíduo estranho
É que há muita envejedade
De quem nada quer fazer
Querem gozar à vontade
Mas trabalhar de verdade
Não está a apetecer
E por isso eu gostaria
De saber a minha sina
É de sorte e alegria
Ou se dá p'ra qualquer dia
Perder o acesso à mina

Cigana

Na palma da tua mão
Vejo um futuro brilhante
A prometer dinheirão
E alegria a cada instante
Verás fome à tua volta
Mas terás sempre fartura
Que dará azo à revolta
De quem não tem tal ventura
Bem gordinho morrerás
De barriga bem inchada
E sendo assim mais darás
Que comer à bicharada

Ratão

Vai à igreja hóstias papa
Vai para casa tudo come
À custas de quanto rapa
Ao pobre que passa fome
Para ele o bem comum
É encher a sua pança
É alérgico ao jejum
Mas não há porco nenhum
Que não tenha a sua matança

1º Coro

Ser rico embora pareça
Felicidade não é
Quantos perdem a cabeça
A saúde e mesmo a fé
Mais vale ser pobre e honrado
Em qualquer sociedade
Do que ser rico abastado
Mas sem personalidade

Homem pobre

Pobre sou desde que nasci
Trabalhando à porfia
Mas nada mais consegui

Do que o pão de cada dia
Vejo tantos abastados
Nesta vida a triunfar
E eu por mal dos meus pecados
Apesar dos meus cuidados
Nada posso adiantar
Gostava pois de saber
Se disto não passarei
Ou se um dia morrerei
Sem mais nada vir a ter

Cigana

Procurai que achareis
Disse Cristo e disse bem
Mas quem nasceu p'ra dez-reis
Nunca mais chega a vintém
A tua não me darás
P'ra nela ler os teus bens
Nada além disso que tens
Aqui só miséria vejo
Por detrás de tantos caulos
E terás de conservá-los
Mesmo contra o teu desejo
Andarás em mar de escolhos
Sempre sempre a mergulhar
A não ser que abras os olhos
E não te deixes burlar

Ratão

És pobre não de rapazes
Pois disso não tens miséria
Com tanta pobreza os fazes
Que é uma coisa muito séria
Se a lei de Deus reza assim
Não penses no seu sustento
Vai-lhe dando até ao fim
Que és pobre não tens enfim
Mais nenhum divertimento

2º Coro

Se já Cristo nos dizia
Pobres sempre hão-de existir
Não se altera a profissão
Por mais que a queiram banir
Ser pobre trabalhador
É ser cidadão honrado
E também merecedor
De respeito em qualquer lado

Uma moça

Eu tenho um namorado
Que diz que gosta de mim

E até já me tem beijado
O que eu não acho ruim
Mas ando desconfiada
Segundo o que já notei
Que ele tem outra namorada
E anda a ver se eu não sei
Um dia ele chegou mais tarde
Falando em diferente tom
E eu sem fazer alarde
Notei que ele de olhar cobarde
Vinha sujo de batom
Sem ter aqueles azedumes
Que certas vezes mostrava
P'ra acalmar os meus ciúmes
Sempre que eu desconfiava
Queira-me pois declarar
Se é certa tal maldade
Para eu o despachar
Caso veja que é verdade

Cigana

Deixa ver tua mão fina
Ó menina delicada
Talvez uma triste sina
Te esteja reservada
Na verdade esse rapaz
Que te anda a namorar
Firme propósito faz
Apenas p'ra te gozar
Apesar do teu queixume
Cada beijo que ele te der
Trás o ódio e o ciúme
Da boca de outra mulher
Vale mais p'ra o namorico
Um moço de pé descalço
Do que um com fama de rico
Que traz sorriso no bico
Disfarsando um amor falso

Ratão

Menina olha o que fazes
Tem cautela abre o olho
Cuidado com os rapazes
Que só querem é restolho
Vocês não escondem nada
E isso tudo à mostra é mau
E ainda a saia rachada
Deixa a tensão alterada
Que um homem não é de pau

3º Coro

O namoro é que prepara

Os jovens p'ra o casamento
Mas porque a decência a rara
Tem pretensões de azarento

Quando os jovens se respeitam
Namorando com prudência
Mais se amam e aceitam
Deveres de consciência

Padre

Já sou padre há longos anos
Mas ando muito confuso
E por falhar nos meus planos
Das santas regras abuso
Julgo até que é i demónio
Que há muito me vem tentando
E como aconselhando
A aceitar o matrimónio
Não haja ninguém que siga
Uma vocação errada
Que acaba sempre em intriga
E não nos conduz a nada
Se não fosse o celibato
De imediato casava
Só assim me libertava
Deste estado que é bem chato
Queria que me dissesse
O que é no meu futuro
E um conselho me desse
P'ra que eu viva mais seguro
Pois uso toda a prudência
Faço a minha diligência
Mas é difícil ser puro

Cigana

O voto de castidade
Não se quebra assim à toa
Mas as a força de vontade
Abandona uma pessoa
P'ra que passe a fracassar
O melhor que pode fazer
É padre deixar de ser
E construir o seu lar
Na sua mão logo vejo
Que errou na vocação
E que o seu maior desejo
É mudar de profissão
Irá casar e ter filhos
Talvez com eles se anime
Embora seja cadilhos
Mas a missão é sublime
Já que se crente deseje

Continuará rezando
E os seus filhos educando
Segundo as regras da igreja

Ratão

Já me estou arrepiar
Se ele toma tal decisão
E à mulher vai contar
O que ouviu na confissão
E levam a dar conselhos
Para a gente acreditar
Vão pregando os Evangelhos
E quando é depois de velhos
É que pensam em casar

4º Coro

Para tudo a vocação
É base fundamental
Sem ela erros se dão
No campo profissional

Quem quiser ser mensageiro
De cristo durante a vida
Não o faça sem primeiro
Ter vocação definida

Um político

Por acaso sou político
Defendo a reforma agrária
Sou polémico e crítico
Em, toda a acção partidária
Mas ando preocupado
Com tamanha confusão
Por quanto tenho pregado
Me assusta ser apanhado
P'la força da reacção
Gostava pois de saber
Se o futuro me promete
Bom político vir a ser
Daqueles a quem compete
Fazer leis mandar no povo
E neste país confuso
Combater o que é abuso
Fazendo nascer de novo
Uma eficaz estrutura
Onde o povo tenha gostado
De ser bastião oposto
Às garras da ditadura

Cigana

Vejo um futuro agitado
Na palma da sua mão

Ora bem conceituado
Ora o jogo do empurrão
Mas nunca se preocupe
Que vintém não faltará
Embora alguém o apupe
Ora aqui ora acolá
Com ou sem reforma agrária
Não perderá seu assento
Entre a claque reaccionária
Que agita o parlamento
Embora haja falência
Estamos mentalizados
P'ra aceitar com paciência
Mesmo a própria incompetência
Dos ilustres depotados

Ratão

Primeiro não ter vergonha
Segundo saber mentir
Terceiro mostrar a fronha
Ao povo sempre a sorrir
São estas as condições
P'ra na política entrar
Assim fazem os burlões
Tachistas e aldrabões
Que se querem governar

5º coro

Sem política não se passa
Embora suja a valer
Levando o justo à desgraça
E o ladrão ao poder

A ânsia de alcançar louros
Ou mais destacado dom
Mata e esbanja tesouros
Aniquilando o que é bom

Doutor

Dizem que é um sacerdócio
A missão dum bom doutor
Já que não conhece o ócio
Mas só constante labor
Eu sempre tenho lutado
Para dar cura aos doentes
De quantos tenho tratado
Vejo alguns p'ra meu agrado
Um tanto convalescentes
Sendo uma missão ingrata
Se exerce sempre com perigo
E quando sem querer se mata
Logo há má fé p'ra comigo

Gostava pois de saber
Qual vai ser o meu futuro
Já que só o bem procuro
Para os que sofrem a valer
Queira ler a minha sina
Nesta mão que tanto faz
No campo de medicina
E também nas horas más
Na mesa da cirurgia
Quando o suor da agonia
Nos é mais arrepiante
E lutamos à porfia
Vendo a morte em cada instante

Cigana

Nesta mão só vejo sangue
Que indica fatal destino
Espero que não se zangue
Se lhe chamar assassino
Mas nessa sua missão
Tudo pode acontecer
Pois um bom cirurgião
Também mata sem querer
Mesmo assim sempre terá
Doentes à sua beira
E a alguns cura dará
Outros de qualquer maneira
Terão de ir p'ra o maneta
E a troco de qualquer treta
Irá enchendo a carteira

Ratão

Eu peço a Deus que me ajude
Concedendo a paz e bem
Mas à custa da saúde
Não quero explorar ninguém
O doutor é bem diferente
Por ser um homem de sorte
Brilha à custa do doente
Levando dinheiro à gente
Até à custa da morte

6º Coro

Quem me dera ser doutro
Para atender esta gente
E rir à custa da dor
Dum povo que está doente

Só por vintém há consulta
Ninguém a tem sem dinheiro
E às vezes tudo resulta
Numa entrega ao cangalheiro

Advogado

Preferi ser advogado
Ou melhor doutor de leis
Para andar sempre enfronhado
Em milhares de papeis
Já tenho em tribunal
Muitas causas defendido
E nelas me distinguido
Como bom profissional
Quando vou a uma audiência
Vou contente de verdade
Face à minha competência
Que me põe sempre à vontade
Só não sei se a minha sina
Me reserva bom futuro
Por mim julgo está seguro
Mas o destino domina
Nossa força de vontade
Por quanto diz e prevê
Pondo em pé de verdade
Mais um bom palpite dê
À minha felicidade

Cigana

Não lhe faltará paleio
Em qualquer uma audiência
Terá sempre o saco cheio
Por questões de Providência
Por sua causa também
Clientes mal preparados
Perderão todo o vintém
E ficarão desgraçados
A sina dum advogado
É sempre fácil de ler
Mesmo mal intencionado
Quer ter razão do seu lado
P'ra a folheta receber

Ratão

Fui um dia a uma audiência
Saí de lá irritado
Por causa da competência
De tão ilustre advogado
Com todo aquele alarido
Mentiu tanto o malvado
E p'ra salvar um bandido
Foi o culpado absolvido
E o inocente condenado

7º Coro

Só quem o erro cobiça

E pelo falso suspira
Procura fazer justiça
Exibindo a mentira

Quem condena um inocente
Não passa de vil sectário
Usa a lei de antigamente
Que levou Cristo ao calvário

Lavrador

A vida do lavrador
É uma vida agitada
Que faz andar ao rigor
Do frio da madrugada
O nosso leite vendemos
Aos que não nos compreendem
Pois o vintém recebemos
Quando eles querem e entendem
Agora com a C.E.E.
Fica tudo baralhado
E quem sabe se até
Levamos um pontapé
Quer no leite quer no gado
Sendo assim queria saber
Qual vai ser o meu futuro
E se mais sorte vou ter
Ou se é p'ra até morrer
Andar sempre a levar furo

Cigana

Furo sempre hás-de levar
Sem te fazer grande mal
Tua sina é trabalhar
E ver pouco capital
Se teu caminho se junca
Com erva e monda da horta
É um sinal de que nunca
Passarás da cepa torta
Trabalha com paciência
Regando a terra a suor
Já que a tua inteligência
Não dá p'ra vida melhor

Ratão

O lavrador que anda à moda
Já usa as vacas sem galhos
Mas para lhes dar tal poda
Ainda passa trabalhos
Sem galhos o lavrador
Se apresenta mais decente
Mas se a eles têm amor
Não se enricem por favor

Nem rasguem a roupa à gente

8º Coro

O lavrador lavra a terra
Cuida do gado também
Percorre o vale e a serra
Onde campinas contém

Se o labor é duro e chato
Dada a constante dureza
É bom andar em contacto
Com a própria Natureza

Padeiro

E diz o povo ao rezar
O pão nosso de cada dia
Mas se eu não o amassar
Lá na minha padaria
E não fosse de porta em porta
Levar pão todos os dias
Já havia gente morta
De fome p'las freguesias
E assim à meia noite
Me levanto a cozer pão
Não faltando quem me coite
Nesta ingrata profissão
Por haver esfomeados
Que pão não podem comprar
Eu me chego a arreliar
Sem saber como matar
Tanta fome aos desgraçados
Já que aqui apareceu
Seja a minha sina lida
Diga-me pois se vou eu
Ser padeiro toda a vida

Cigana

Ó mão que tens amassado
Tanto pão p'ra este povo
Por quanto tens trabalhado
De boa fé só te louco
Mas não vais ter bom futuro
P'las aldrabices que fazes
No pão mais pequeno e duro
Que tantas vezes nos trazes
Examinando esta mão
Sincero conselho dou
Não nos queiras dar então
Desse tão amargo pão
Que o diabo amassou

Ratão

Vai acabar o sarilho
Que nos faz arreliar
Agora com o pão ao quilo
Vai a viola afinar
E quanto à triste figura
De pão duro se vender
Não condeno a criatura
Porque há muita coisa dura
Que a gente gosta de ter

9º Coro

Não queria ser padeiro
Pois calor não me apetece
Preferia ser moleiro
Que a farinha não aquece

E na época mais fria
Estamos bem felizmente
Porque qualquer padaria
Fornece o calor à gente

Despedida

Assim com graça abordamos
Vários níveis sociais
De muita gente falamos
Suas vidas criticamos
Nos moldes tradicionais

Todos

Ler a sina é interessante
E p'ra muitos coisa boa
Tem seu paleio importante
Mas descobre num instante
A careca a uma pessoa

Mestre

Brincar é sempre bonito
Porque alegre velho e novo
Fazendo do tema um mito
A brincar tudo foi dito
Para animar este povo

Todos

A juventude a cantar
Em nome da tradição
Vai de lugar em lugar
A toda a gente levar
A graça da inovação

Mestre

Basta que o Rei Mono mande

P'ra haver tal desembaraço
Assim a festa se expande
Para que a Ladeira Grande
Vos mande mais um abraço

Todos

Agora adeus vos dizemos
Porque temos de partir
Se o carinho agradecemos
Com saudade prometemos
Que ainda havemos de cá vir

CORO FINAL

O sentimento
Duma despedida
Tem o talento
Da graça vivida
E se convosco
Bem gostamos de estar
Vos queremos levar
No coração connosco
Tanto carinho
Tanto amor de verdade
Dirão que este cantinho
Nos ditou a saudade

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento
existente na Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Novembro de 2002.